

## TEUTH E THAMOUS

RODRIGUES, Carla. **“Teuth e Thamous”**. **Duas palavras para o feminino: Hospitalidade e responsabilidade**. Sobre ética e política em Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Nau, 2013.35-40

Bernardo G.S. Lins Brandao \*

Na seção *Teuth e Thamous*, Carla Rodrigues, em seu livro *Duas Palavras para o feminino: hospitalidade, responsabilidade* pensa a relação entre *lógos* e *phallus* na *Farmácia de Platão*.

A passagem do *Fedro* a que Derrida se refere é aquela na qual Sócrates relata o mito da invenção da escrita por Teuth, que a apresenta ao rei Thamous como um *phármakon* para a memória. Nela, o termo *phármakon* é central: pode ser traduzido tanto por remédio quanto por veneno. Não há remédio inofensivo. Aquilo que cura pode ser também aquilo que destrói. É à luz dessa ambiguidade que a escrita é apresentada: para Teuth, ela é um *phármakon* enquanto remédio; graças a ela, podemos recuperar aquilo que foi esquecido. Mas, para Thamous, ela é um veneno; os homens, confiando na escrita, deixariam de usar sua memória, que se enfraqueceria.

A escrita é, assim, ao mesmo tempo um remédio e veneno para a memória, um instrumento que proporciona uma aparência de sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria, que depende da presença de quem fala. É por isso que, segundo a leitura de Derrida do *Fedro*, o *lógos* é filho do sujeito-falante. Sem seu pai, ele é apenas uma escrita que vagueia, erma, indiscriminada.

A escrita depende do pai para se proteger da incompatibilidade entre o escrito e o verdadeiro. Sem ele, não sabe para onde vai, como um fora-da-lei, um vagabundo ou um aventureiro. Tal como o *lógos*, a escrita é um filho, mas um filho miserável, desviado, abandonado por seu pai, um órfão que carece de assistência, que precisa de um pai que

---

\* Doutor e mestre em Filosofia (UFMG). Professor da Faculdade de Letras da UFPR.

sustentará seu sentido. Com isso, indica-se um esquema que dominará a tradição filosófica: a oposição entre a escrita boa e a escrita má. Enquanto a boa escrita seria aquela que é viva e natural, a escrita má seria artificial moribunda e muda.

É justamente nessa necessidade de seu pai que o *lógos* se liga ao *phallus*. Segundo Carla Rodrigues (2013, p.38), para Gayatri Spivak, pensando a crítica de Derrida, em uma cultura falocêntrica, o sobrenome do pai é o que mantém idêntica diante da lei a sua dinastia. Por isso, o sobrenome de um filho refere-se ao pai; mas esse desejo de representar a descendência é semelhante ao desejo de fazer com que as palavras tenham um sentido pleno diante da presença do sujeito-falante. A lei e o *lógos*, ambos dependem dos pressupostos do falocentrismo.

Nessa perspectiva, a crítica derridiana ao falo-logo-fono-centrismo é uma denúncia da ideologia do pensamento que pretende alcançar a coisa mesma, o que a desconstrução, que Rodrigues entende como pensamento do feminino, encara como uma promessa impossível, como *différance* (RODRIGUES, 2013, p.39)

A *différance* é esse movimento do desejo de apropriação a partir do reconhecimento da impossibilidade, essa constatação da permanente impossibilidade de verdade em um constante movimento que tenta uma restituição impossível. O pensamento feminino proposto por Rodrigues se daria por meio dessa impossibilidade, a partir da constatação da ausência de uma verdade plena na qual o falo-logo-fono-centrismo pretende se apoiar.

O pensamento de Derrida parece pouco rigoroso, dado a analogias no lugar de argumentos. Mas esse não seria seu método de chegar aos limites da razão? Para se pensar aquilo que não foi pensado pela tradição, não seria útil empregar um outro pensar, fluido, imagético, analógico, em outras palavras, aquilo que Rodrigues chama de *pensamento do feminino*?

É claro que Rodrigues, quando fala de masculino e feminino, não pensa apenas no sentido literal dos termos, mas, tal como alguns pensadores gregos (penso por exemplo em Aristides Quintiliano em seu tratado sobre a música), em um sentido amplo, como certos modos determinados de ser.

Nessa perspectiva, sua crítica ao falo-logo-fono-centrismo poderia ser compreendida como uma crítica à pretensão de onipresença do masculino, não apenas nas organizações sociais e nas leis, mas também no próprio pensar, uma crítica que não visa

abolir o masculino, mas, situando-o em uma perspectiva mais ampla, busca colocá-lo ao lado do feminino, como seu igual, oposto e complementar.